

humanitas

Vol. V-VI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. II E III DA NOVA SÉRIE
(VOLS. V E VI DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLIII-IV

ELEMENTOS PARA O ESTUDO DA «TERRA SIGILLATA» EM PORTUGAL

II —VASO DRAGENDORFF 37 DE FABRICAÇÃO HISPÂNICA* PROCEDENTE DE CONIMBRIGA (1)

Numa ciência que tanto uso faz do método comparativo — como a arqueologia — cada vez é mais imperiosa a necessidade de ir divulgando materiais, mesmo que seja na forma de curtas notícias, principalmente quando se pode contribuir para a solução de problemas mal estudados, por falta de elementos comparativos e de grandes trabalhos de conjunto.

Entre esses problemas podemos incluir o da «sigillata» hispânica, que estamos longe de conhecer tão bem como a gálica, mas que se reveste de enorme interesse, principalmente para os arqueólogos portugueses e espanhóis.

Quem tenha feito estudos aprofundados neste campo, e conheça algumas das colecções peninsulares, muitas vezes se terá encontrado perante produtos cerâmicos desta espécie que não podem ser integrados nem na sigillata aretina ou itálica, nem na da Gália do Sul, Central, ou Oriental.

Faltam-nos ainda trabalhos de conjunto, como os de Déchelette, Oswald ou Knorr, e pode dizer-se que não conhecemos nem a história, nem a vida das oficinas hispânicas, nem os nomes dos fabricantes que trabalharam nesta ocidental parcela do vasto Império Romano (2).

(1) O primeiro trabalho da série «Elementos para o estudo da «terra sigillata» em Portugal» foi publicado na «Revista de Guimarães», volume LVI, n.º 1-2, Janeiro-Junho 1951, págs. 81-111, sob o título «Marcas de oleiro encontradas no País».

(2) Devemos dizer que se conhecem algumas marcas de oficina em produtos tipicamente hispânicos, mas estamos ainda longe das seguras identificações que é possível fazer nas sigillatas aretina ou gálica. No seu monumental «Index of Pottery Stamps on Terra Sigillata» (Margidunnum, 1931), a págs. 291 e 315, Oswald loca-

Mas sabemos que as fâbricas da Península Hispânica, embora tenham copiado formas e técnicas, e tenham usado ou adaptado motivos decorativos das oficinas extra-peninsulares que as precederam, deram aos seus produtos um carácter especial que permite distingui-los sem dificuldades de maior, principalmente graças ao exame das pastas, vernizes e motivos decorativos.

A bibliografia de que dispomos é, por ora, bastante reduzida e quase toda recente. Limita-se, na maior parte dos casos, a notícias descritivas de peças, isoladas ou em pequenos núcleos, sem que disponhamos ainda de trabalhos de conjunto como os que se utilizam, por exemplo, para o estudo da sigillata gálica (3).

Mas estamos certos de que à medida que forem sendo publicadas as colecções dos museus peninsulares, muito se progredirá neste campo.

liza dois fabricantes na Lusitânia: *Segitritvs* (talvez da época dos Flávios), e *Tetirvs*. Do primeiro conhecem-se duas marcas : de Conimbriga (num vaso Drag. 36 A, do Museu Machado de Castro), e de Portalegre (num 35 A, do Museu de Martins Sarmento); do segundo, apenas se conhece uma, da Citânia de Briteiros (em Drag. 33). Pode ver-se a este respeito, o primeiro estudo desta série, páginas 101 e 104 (25 e 28 da separata).

(3) Vejam-se, como exemplos, as seguintes obras: D. Juan Serra Vilaró — «Estación ibérica, termas romanas y taller de 'terra sigillata', en Solsona» Memoria n.º 63 da Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades, Madrid, 1924; idem — «Cerámica en Abella. Primer taller de 'terra sigillata' descubierto en España», Memoria n.º 73 da Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades», Madrid, 1925; Fidel Fuidio Rodríguez — «Carpetania Romana», Madrid, 1934; Alice Wilson Frothingham — «Sigillate Pottery of the Roman Empire from excavations in Spain», New York, 1937; L. Vázquez de Parga — «Estado actual del estudio de la 'terra sigillata'» in «Archivo Español de Arqueología», 1943; A. Hernandez Morales — «Juliobriga, ciudad romana en Cantabria», Santander, 1946 (de reduzido valor científico); Vicente Ruiz Argilés — «Sigillata de fabricación española en Juliobriga» in «Cuadernos de Historia Primitiva», ano 11, n.º 2, pág. 127, Madrid, 1947; Bernardo Saez Martin — «Vaso de terra sigillata fabricado em España», Madrid, 1948; Julio Martínez Santa-Olalla — «Nueva fabrica española de 'terra sigillata'» in «Cuadernos de Historia Primitiva», ano m, n.º 2, Madrid, 1948; C. Martínez Munilla — «Vaso de 'terra sigillata' hispánica hallado en Marsella» in «Archivo Español de Arqueología», n.º 79, 1950; Fernando Russell Cortez — «Da 'terra sigillata' tardia encontrada em Portugal», Viseu, 1951; P. de Paiol Salellas — «Un vaso de terra sigillata de fábrica hispánica del Museo Arqueológico de Barcelona» in «Crónica del II Congreso Arqueológico Nacional», Madrid, 1951; J. M. Bairrão Oleiro — «Novos elementos para a historia de 'Aeminium'. Os materiais romanos do pátio da Universidade» in «Biblos», γγvii, Coimbra, 1952; Maria Angeles Mezquiriz — «Sigillata hispánica de Liédena» in «Príncipe de Viana», ano xiv, n.º ui-iii, Pamplona, 1953.

Só o Museu Machado de Castro nos tem revelado muitas dezenas de fragmentos, e algumas peças intactas ou quase, que julgamos da maior importância para um melhor conhecimento do problema.

Todo esse material se encontra já desenhado, graças ao perseverante, dedicado e desinteressado esforço da Conservadora-ajudante do Museu, D. Maria da Conceição Leal da Costa Lobo, e estamos prestes a terminar a sua inventariação e estudo, para o podermos publicar, de acordo com um plano de trabalhos submetido ao Instituto de Alta Cultura.

Entretanto divulgamos esta peça e, se se verificar que a publicação de todo o conjunto tem de ser retardada, outras serão dadas a conhecer.

Num dos caixotes com material arqueológico procedente de Conimbriga, que fomos encontrar no Museu Machado de Castro, deparamo-nos, entre outros, quatro fragmentos pertencentes a um mesmo vaso e a cuja colagem logo se procedeu, no laboratório que ali instalámos.

Trata-se de uma taça da forma Dragendorff 37 (Fig. 1), de verniz vermelho claro não muito brilhante, e pasta grosseira e granulosa, cor de tijolo. Não tem marca de oficina.

Dimensões:

altura = 70 mm.

diâmetro (na boca) — 135 mm.

diâmetro (na base) = 54 mm.

espessura (no bordo) = 4,3 mm.

espessura máxima (na faixa lisa a seguir ao bordo) = 7 mm.

altura da base = 7,8 mm.

Ao bordo, muito pouco saliente, segue-se uma faixa lisa com 19,4 mm de altura. Após ela, e sem a zona de óvulos característica das produções sud-gálicas, seguem-se duas finas molduras, e logo vem a parte decorada, disposta em duas zonas de métopas.

A separação das métopas é feita por séries de três linhas onduladas verticais, tendendo ligeiramente para a convergência na base.

Para facilidade de exposição, e tendo à vista a figura 2, atribuiremos à zona superior a letra A, e à inferior a B, e numeraremos as respectivas métopas da esquerda para a direita.

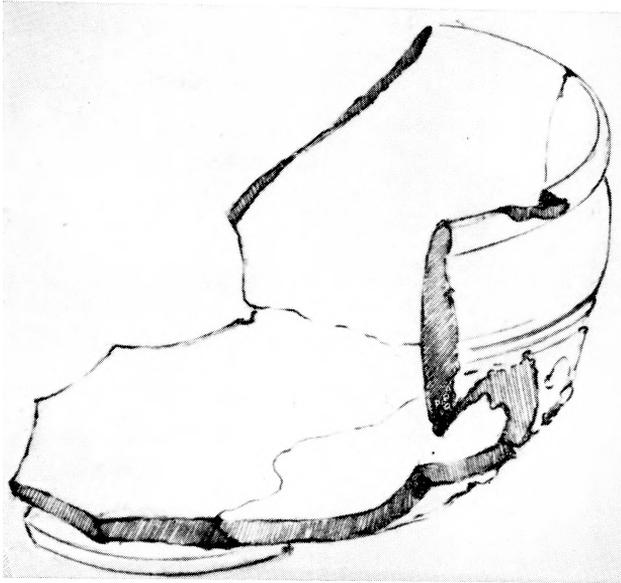
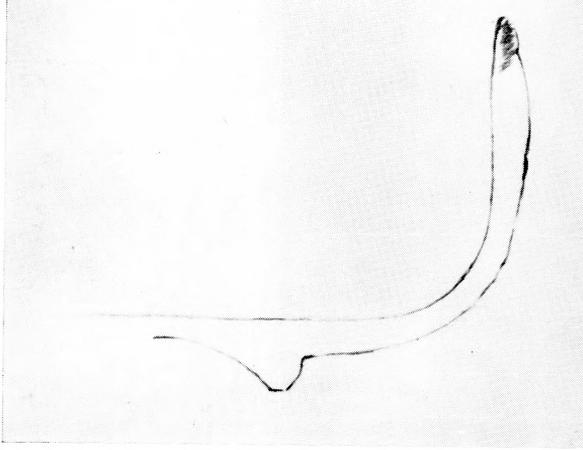


FIG. 1 — Perfil e corte do vaso Drag. 37 de Conímbriga.
(Redução 2/3)

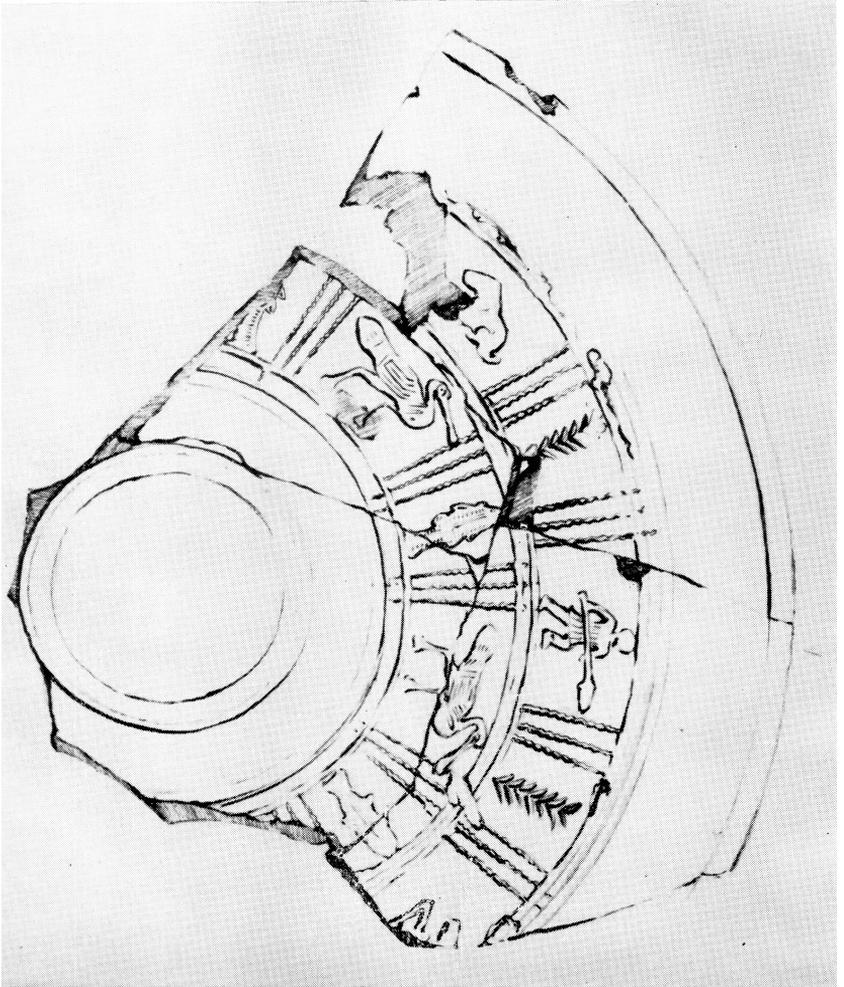


Fig. 2 — Desenvolvimento da decoração do vaso Drag. 37 de Cominbriga.
(Redução 2/3)

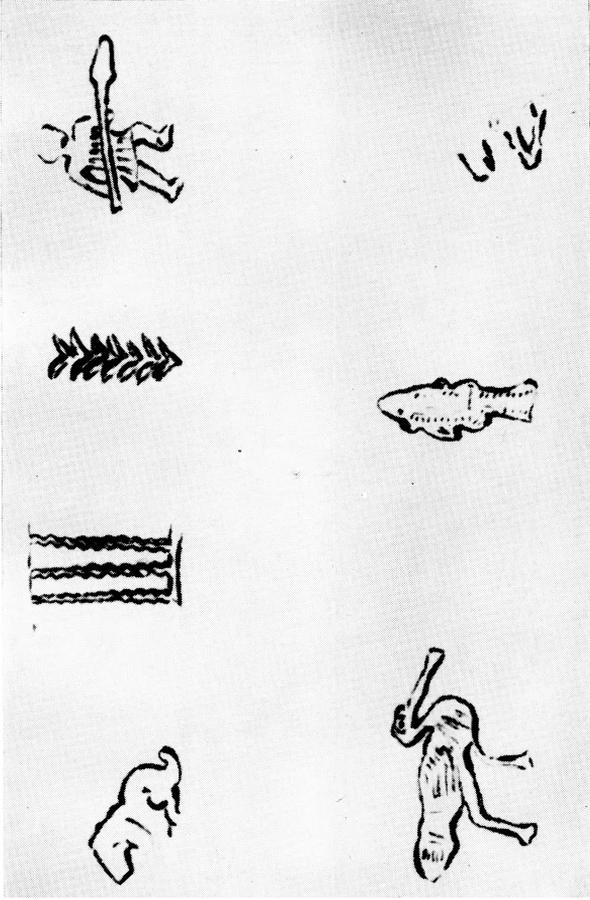


Fig. 3 — Motivos decorativos do vaso Drag. 37 de Conimbriga.
(Tamanho natural)

As métopas da zona A têm uma altura de 17,7 mm; as da zona B, 19,9 mm.

DESCRIÇÃO DAS MÉTOPAS. (Figura 2)

A-1—Quadrúpede sentado sobre os quartos trazeiros. A parte anterior do corpo foi destruída por uma fractura antiga.

A-2— Linha de ângulos dispostos verticalmente e encaixando uns nos outros, em número de sete.

A3- — Bestiário caminhando para a direita e empunhando uma lança. No sentido da altura a figura ocupa todo o espaço livre. Na cabeça, nada se distingue das feições. Veste um curto «sagum» que não chega aos joelhos, e cujas pregas são indicadas por leves incisões verticais.

A-4 — Repetição do motivo de A-2.

A-5 — Distinguem-se apenas as patas e parte do focinho de um animal, pois o resto foi abrangido pela linha de fractura. Parece-nos, e as medidas feitas confirmam-no, que se trata do mesmo animal de A-1, embora em A-5, a pata dobrada sobre si mesma dê uma impressão de movimento que contrasta com a que se colhe da observação da figura de A-1.

Na zona B, os motivos decorativos repetem-se alternadamente.

B-1, 3 e 5 — Peixe, com as barbatanas e escamas marcadas, ao alto.

B-2 e 4 — Ave pernalta. Cegonha?

As penas são marcadas por leves incisões.

A separação das métopas é feita, também, por séries de três linhas onduladas que, nalguns casos, ultrapassam os limites das molduras. Igualmente prova de imperfeição técnica é o facto das extremidades dos bicos das aves de B-2 e B4- virem cair sobre a linha ondulada, estando mesmo a última nitidamente empastada, o que dá ao bico uma terminação em forma de colher.

ANÁLISE DOS MOTIVOS DECORATIVOS. (Figura 3)

A) *Linhas onduladas.*

Trata-se de um motivo frequentíssimo na produção sud-gálica, principalmente, e não julgo necessário indicar paralelos que poderão

encontrar-se com facilidade e abundância, nas obras de Oswald, Déchelette, Knorr e Hermet.

Utilizadas como demarcação de motivos são características nos produtos sud-gálicos de época flávia, e as séries de linhas onduladas oblíquas são comuns na mesma época. O mesmo motivo nos aparece, com frequência, na sigillata de transição do século i para o 11, embora já não possa considerar-se motivo típico do século 11. (4)

Na chamada sigillata hispânica o seu emprego é frequentíssimo, e pode mesmo considerar-se como um dos seus motivos mais típicos, especialmente quando em conjunção com as linhas de ângulos, de que a seguir trataremos.

Sem preocupações de esgotar o assunto, vamos apontar alguns paralelos.

Aparece-nos este motivo em Solsona (5), o mesmo acontecendo em Abella, em moldes, vasos e fragmentos (6). Nas quatro espécies de linhas que Serra Vilaró regista, quase sempre verticais em relação à base — note-se — lá se incluem as onduladas. (7)

Fidel Fuidio dá-nos a conhecer uma série de vasos provenientes de Villaverde (Madrid), das formas 29 e 37, em que se encontra o mesmo motivo. (8)

No trabalho de Alice Wilson Frothingham, atrás referido na nota 3, encontramos as linhas onduladas nos vasos E 371 (forma Hermet 7), de Itálica; E 298 (forma Knorr 78), de Carmona; E 299 (variante da forma Drag. 30), de Villafranca de los Barros, Badajoz; e no fragmento E 373, de Itálica.

De Juliobriga publicou Ruiz Argilés, um fragmento de Drag. 37 hispânico em cuja decoração entram as linhas onduladas. (9) Da

(4) Osvald-Pryce — «An Introduction to the Study of Terra Sigillata treated from a chronological standpoint», London, 1920, págs. 153, 156-159.

(5) Serra Vilaró, *op. cit.*, estampa vii, n.º 4 (molde Drag. 37); estampa xi, 4, 5, 9, 16, 20, 26; estampa xn, 20. Embora com as naturais reservas, por falta de exame directo, consideramos todos estes fragmentos como de fabricação hispânica.

(6) Serra Vilaró, *op. cit.*, estampas ni, iv e v (moldes); estampas vi e vii (vasos); estampa ix, fragmentos 2 e 6.

(7) Idem, idem, pág. 16.

(8) «Carpetania Romana», estampas xxv e xxv bis, xlv, xlvii, xlviii, xlix,

LVI, LVIII, LIX, LX e LXVII.

(9) Vicente Ruiz Argilés, *op. cit.*.

mesma proveniência se podem ver mais alguns paralelos no já citado estudo de Hernandez Morales.

O vaso Drag. 30 de Palencia, publicado por Bernardo Saez Martin, mostra-nos que o seu fabricante fez largo uso deste motivo, juntamente com as linhas de ângulos; e o mesmo acontece com o Drag. 30 de Almendralejo (Mérida), estudado por Palol.

E o magnífico estudo de María Angeles Mezquiriz sobre o núcleo de Liédena, já citado na nota 3, revela mais uma série de paralelos.

Em Portugal aparece-nos a linha ondulada em cerâmica da Fonte do Milho (Canelas do Douro) (10), de Conimbriga e de «Aeminium» (11) para só citar estes exemplos.

Resumindo: trata-se de um motivo copiado da produção sud-gálica, e utilizado com muita frequência pelos fabricantes peninsulares, especialmente na delimitação dos quadros e métopas.

Mezquiriz considera as linhas onduladas como o motivo mais comum na sigillata hispânica, e, pelo que conhecemos pessoalmente, estamos de acordo com aquela investigadora. (12)

B) *Linhas de ângulos.*

Não se trata, também neste caso, de uma criação original, pois o motivo foi utilizado pelas oficinas gálicas, se bem que não com a frequência do anterior, como delimitador horizontal das zonas de decoração, e quase sempre em vasos da forma 37. (13) Podem também apresentar-se alguns exemplos do seu emprego na vertical. (14)

Na sigillata hispânica aparece com muita frequência e, quase sempre, em conjugação com as linhas onduladas.

As linhas de ângulos surgem-nos em Solsona(15); em Abella (16);

(10) Russel Cortez, op. cit. e «As Escavações Arqueológicas do «Castellum» de Fonte do Milho. Contributo para a Demogenia Duriense» in «Anais do Instituto do Vinho do Porto», 1.º volume, Porto, 1951.

(11) J. M. Bairrão Oleiro — «Novos elementos para a história de Aeminium. Os materiais romanos do Pátio da Universidade» in «Biblos», vol. xxviii, Coimbra, 1952.

(12) Mezquiriz, op. cit., pág. 290, 306 e estampas 1 a ui.

(13) Oswald-Pryce, op. cit., pág. 242.

(14) Robert Knorr — «Töpfer und Fabriken Verzierter Terra-Sigillata des Ersten Jahrhunderts», Stuttgart, 1919, pág. 97, fig. 46; idem — «Terra-Sigillata-
rQefässe des Ersten Jahrhunderts mit Töpfernamen», Stuttgart, 1952, estampa 19, A.

(15) Serra Vilaró, op. cit., estampa xi, n.º 4, 5, 9, 15, 16, 33; xii, 20 e 26,

(16) Serra Vilaró, op. cit., estampa vm, 25, 29,

em Tarragona (17); em Villaverde (Madrid) (18); em Villafranca de los Barros e Italica (19); em Juliobriga (20); Palencia (21); Almedralejo (22) e Liédena (23).

De Portugal apontemos, por agora, os vasos da Fonte do Milho e de Coimbra (Pátio da Universidade), além de muitos outros fragmentos de Conimbriga.

C) *Bestiario*.

É a única representação humana que figura na parte conservada do vaso, e a sua origem de\e buscar-se nos motivos das oficinas sud-gálicas que, principalmente a partir da época flávia, introduziram na decoração dos seus vasos assuntos mitológicos e cenas de género (24).

No entanto não encontrámos um único paralelo exacto, nem em Oswald (25) ; nem em Hermet (26) ; nem nos dois livros de Knorr de que dispomos e que já citámos em nota. Não nos foi dado consultar a obra de Déchelette — «Les Vases ceramiques ornés de la Gaule romaine» — mas não cremos que a busca desse qualquer resultado positivo.

No monumental «Index» de Oswald, o que mais se aproxima é o 1078, embora com sensíveis diferenças. O bestiário do vaso de Conimbriga é muito menor, a mão direita pega quase na extremidade da lança, e na cabeça nada se distingue das feições.

O tipo 1078 é atribuído a La Graufesenque e Banassac (Gália do Sul) e à época dos Flávios, e foi registado em vasos das formas 37,

(17) Serra Vilaró — «Excavaciones en la necrópolis romano-cristiana de Tarragona», Memoria n.º 93 de Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades», Madrid, 1928, estampa xxxviii, 40: idem — «Excavaciones en la necrópolis romano-cristiana de Tarragona», Memoria n.º 133 da Junta Superior del Tesoro Artístico, Madrid, 1935, estampas xlii e xlii.

(18) Fidel Fuidio, op. cit., estampas xxv, xxv bis. xlvii, xlviii, lvi, lix, lxxvii.

(19) Frothingham, op. cit., vaso E 299 e fragmento E 373.

(20) Morales, op. cit., pág. 58; gráficos 37, 39, 49 e 50.

(21) Saez Martin, op. cit..

(22) Palol, op. cit..

(23) Mezquiriz, op. cit..

(24) Oswald-Pryce, op. cit., pág. 135.

(25) Felix Osvald — «Index of Figure-Types on Terra Sigillata», 1937.

(26) Frédéric Hermet — «La Graufesenque», Paris, 1934.

78 e 30. Um desses vasos é da oficina de Crvcvro, e outro da de Crestio.

Pelo que diz respeito a produtos hispânicos também não encontramos nenhum paralelo, embora sejam conhecidos bastantes vasos com a figura humana como motivo decoativo. É possível que haja paralelos em materiais inéditos, ou já publicados, mas não os conhecemos. E se por acaso não houver, mais um elemento fica para o futuro «corpus» de tipos figurados da sigillata hispânica.

D) *Quadrúpede.*

Não encontramos, quer em produtos gálicos, quer hispânicos, nenhum paralelo exacto.

E) *Ave pernalta.*

Creemos que se trata de uma cegonha, embora imperfeitamente representada.

Também neste caso faltam os paralelos exactos nos produtos sud-gálicos. Pelo que diz respeito aos hispânicos, talvez seja possível estabelecer uma certa relação com um dos motivos de um vaso de Bayona de Titulcia, publicado por Fidel Fuidio (27).

F) *Peixe.*

Assim como as aves, os peixes aparecem-nos com frequência na decoração dos vasos sud-gálicos, mas ainda neste caso não encontramos nenhum paralelo exacto.

No «Index» de Oswald o que mais se poderia aproximar, mas com grandes diferenças quanto a tamanho e forma, seria o 2411. Em Hermet, o 201 e o 222 aproximam-se um pouco. Em Knorr aparecem-nos alguns que sugerem vagamente os do vaso de Conimbriga (28)

E pelo que respeita a achados peninsulares, apenas encontramos qualquer coisa de semelhante — em todo o caso mais semelhante do que os acima citados — no n.º 23 da estampa LXIII (Bayona de Titulcia), e no Drag. 30 de Villaverde (estampa LVI) do trabalho de Fuidio.

(27) Op. cit.. Na página 193 dá-o como de Villaverde; na legenda da est. xuv, como de Bayona.

(28) «Terra-Sigillata-Gefässe des Ersten Jahrhunderts mit Töpfemamen», est. 40, C; 41, B.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Considerando apenas os vasos decorados, pode afirmar-se que os da forma 37 foram os preferidos pelos produtores hispânicos.

Como se sabe, o protótipo é sud-gálico e apareceu pela primeira vez no reinado de Nero (anos 54-68), substituindo rapidamente a forma carenada 29, e tornando-se a peça decorada predominante no séc. 11 (29).

Nada mais natural, portanto, que também na produção hispânica a forma predominante seja a 37, por isso que as oficinas hispânicas, segundo parece, iniciaram as suas actividades na segunda metade do século I, isto é, quando já predominava aquela forma.

O nosso vaso Drag. 37 apresenta-nos um perfil que se não afasta dos tipos mais antigos das fábricas sud-gálicas, mas falta-lhe a linha de óvulos que, por via de regra, separa a faixa lisa, sob o bordo, da zona decorada; e, no fundo externo, mostra-nos uma depressão que parece ser uma das características dos produtos peninsulares.

A decoração em duas zonas (sobrevivência da forma 29), divididas em métopas, não pode rivalizar com a dos produtos gálicos de boa época; mas não é destituída de certo interesse e, se bem que seja algo monótona, é equilibrada e de factura relativamente fina.

Pelo exame do verniz e da pasta, da forma e da decoração, cremos que se trata de um produto «antigo» dentro do quadro da evolução da sigillata hispânica.

Como o que sobre esta se sabe é tão pouco ainda, parece-nos que será ousado — por agora — buscar-lhe um possível lugar de fabricação dentro da Península, ou atribuir-lhe uma data muito precisa.

Tanto mais que, também neste caso, nos falta o conhecimento de dados concretos sobre as condições em que se verificou o achado, elementos estratigráficos, etc..

Infelizmente isso acontece com quase todo o material proveniente de antigas escavações, dentro e fora da Península, e os inconvenientes que daí resultam devem estar sempre bem presentes na consciência dos arqueólogos, principalmente dos que têm a responsabilidade de trabalhos de campo.

O que podemos afirmar, por agora, é que se trata indubitavelmente de um vaso fabricado na Hispânia (e com este termo abrangemos

(29) Oswald-Pryce, op. cit., págs. 59 ç seg..

os dois países da Península Ibérica), muito provavelmente no último quartel do século i.

É o que, neste momento, se nos oferece dizer sobre esta peça, que publicamos na esperança de que o seu conhecimento possa vir a ser útil aos que pelos problemas da terra sigillata se interessam, e como primeira amostra do estudo mais vasto que temos em preparação.

Estamos convencidos que, desta troca de informações entre os arqueólogos dos dois países, muito de bom poderá resultar para um conhecimento completo da terra sigillata hispânica.

O que se torna necessário é divulgar o recheio dos nossos museus, verificar cuidadosamente muito do que já está publicado, e orientarmos os esforços no mesmo sentido.

As nossas investigações sobre a sigillata de tipo hispânico encontrada em Portugal já nos permitiram modificar algumas opiniões expressas anteriormente, que corrigiremos à medida que for possível e oportuno.

Mas desde já declaramos a nossa inteira concordância com as palavras do eminente especialista que é Howard Comfort: «Future studies of sigillata in Spain and Portugal must commence with the hypothesis that there was in the peninsula a pottery industry of hitherto unrecognized importance, rather than merely an importación from Gaul». (30)

Efectivamente, os nossos últimos trabalhos sobre os materiais de Conímbriga e de outras estações do País, têm-nos revelado uma enorme massa de produtos de tipo hispânico que ultrapassa, de longe, o volume de importações de Itália ou da Gália.

Isto poderá não ser aplicável a todas as estações e a todas as regiões, mas o mesmo fenómeno deve verificar-se em muitos outros lugares de Espanha e de Portugal.

J. M. BAIRRÃO OLEIRO

(Bolseiro do Instituto de Alta Cultura)

(30) «American Journal of Archaeology», 57, 1953, pág. 242 (na recensão do primeiro estudo desta série).